

Laudatio a José d'Encarnação

na cerimónia do doutoramento *Honoris Causa*

Magnífica Reitora da Universidade do Algarve

Digníssimas autoridades Civas e Académicas

Caros Homenageados

Estimados colegas, professores e investigadores

Caros estudantes

Minhas Senhoras e meus Senhores

Permitam-me que partilhe convosco o quão honrado me sinto por fazer neste ato solene a apresentação laudatória do homenageado, Doutor José d'Encarnação. Não apenas porque foi meu professor e mestre, que ainda o é; não apenas por ser um homem de Ciência que, ao longo de seis décadas, trabalhou incansavelmente para dar a conhecer a muitos as memórias inscritas na pedra de outros tantos antepassados; mas, sobretudo, qual arauto de gerações de estudantes e de aprendizes, sinto-me honrado por me caber fazer a evocação de um verdadeiro pedagogo de ciência, da ciência epigráfica, que, como poucos, soube transformar em coisas simples, acessíveis à compreensão de todos, o que, pelo seu hermetismo e especialidade, *a priori*, se poderia pensar destinado apenas a alguns.

A qualidade de estar sempre disponível para elevar e estimular os seus estudantes, faz recordar e permite invocar neste momento, e especialmente neste dia, a fundadora da área da Arqueologia e dos Estudos de Património na Universidade do Algarve, de que hoje somos todos herdeiros: a professora Teresa Júdice Gamito que nos deixou, com muita

consternação entre os seus estudantes, precisamente no dia 17 de Abril de há 20 anos atrás.

A língua e a sua expressão escrita são, porventura, um dos expoentes máximos e mais perenes da nossa herança cultural. São a forma que cada indivíduo tem para transmitir valores, sentimentos, crenças, enfim, transmitir a cultura de que faz parte, tanto a de hoje quanto a das comunidades do passado! E foi a essas, às pessoas que há dois mil anos começaram a construir aquilo que somos enquanto comunidade, que José d'Encarnação dedicou a sua vida. A partir do que ficou grafado na pedra, em votos às divindades, para glorificar feitos e honrarias pessoais, ou em simples lápides funerárias, José d'Encarnação resgata memórias esquecidas, quase apagadas pela erosão dos tempos. Lê, interpreta e faz ecoar através da sua extensa obra, com mais de mil títulos destinados quer a especialistas quer ao grande público, nomes de pessoas escritos há muito na pedra dura, com o único intuito, diria Gabriel Sanders, de serem salvos do esquecimento. Diziam os Romanos que havia duas mortes: a física que é efetiva, e a morte pelo esquecimento, que é definitiva; àquela ninguém escapa, a esta sobrevive-se através da memória! No seu *munus* científico de historiador é isso que fundamentalmente José d'Encarnação tem feito, com mestria: resgatar e divulgar memórias de gente esquecida!

Mas vejamos o seu percurso *vitae*.

Véspera de Natal de 1944; nasce em Corotelo, S. Brás de Alportel, José Manuel dos Santos Encarnação. Seu pai, que trabalhava a pedra, em 1948 muda-se com a família para Cascais, onde a sua especialidade era requerida. Aí fez os estudos primários e liceais, vindo ao Algarve apenas nas férias letivas. Em 1964, ingressa no curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, tendo obtido bolsas de estudo do Ministério da Educação e da Fundação Calouste Gulbenkian. A 19 de Janeiro de 1970, defendeu a tese de licenciatura, com o tema, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*

(Subsídios para o Seu Estudo), que viria a ser publicada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, em 1975. Obra ainda hoje de referência, foca-se no estudo das divindades locais a partir de testemunhos vários, sobretudo de pedras com inscrições votivas dedicadas a essas divindades que aqui existiram antes da chegada dos Romanos. Dada a tradição familiar, estava marcado o destino. Mesmo como professor, era com as pedras que tinha de se entender, como escreveria mais tarde!

Após ter concluído os cursos de Ciências Pedagógicas, em 1971, e o de Conservador de Museus, em 1973, ingressou como assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1976. Logo assumiu a regência da cadeira de Epigrafia, disciplina anual e obrigatória da recém-criada pré-especialização em Arqueologia do curso de História. A epigrafia, que já tinha lugar na academia como ciência auxiliar da Arqueologia, ganha agora outros foros e importância, fruto também dos contactos cada vez mais frequentes com investigadores internacionais, nomeadamente franceses ligados ao projeto de Conimbriga. Mas é a chegada de José d'Encarnação a Coimbra que irá impulsionar e elevar para um patamar similar ao de outros países os estudos epigráficos em Portugal.

Desde o início, a sua preocupação é formar e integrar os estudantes na investigação, pelo que em 1979 publica a “Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina” destinada a esses mesmos estudantes, verdadeiro manual prático onde se apresenta um modelo de abordagem e de estudo dos textos epigráficos para iniciados. Esta obra é complementada, no mesmo ano, com a publicação pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal da “Sociedade Romana e Epigrafia” que trata fundamentalmente do valor e das valências dos estudos epigráficos para conhecer o passado romano. Estavam lançadas as ferramentas para ajudar a criar epigrafistas a partir dos bancos da Academia portuguesa!

Os estudantes, incentivados a descobrir pedras com letras nas localidades de onde eram oriundos, trazem recorrentemente para as aulas textos, muito deles até então desconhecidos, inscritos numa pedra encastrada num edifício, num qualquer muro de uma vereda, numa capela. Parte desses estudantes, onde me incluo, tiveram oportunidade, logo no segundo ano de licenciatura, de fazerem a sua primeira publicação científica. A criação em 1982 do Ficheiro Epigráfico, suplemento da prestigiada revista Conimbriga da qual José d'Encarnação foi Diretor, facilita a publicação desses textos inéditos. O Ficheiro Epigráfico, hoje obra de referência nos estudos epigráficos peninsulares, já conta com mais de 900 textos inéditos da época romana encontrados em Portugal e Espanha.

Em 1984, defende a sua tese de doutoramento intitulada “*Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*”. Com muitas centenas de textos latinos do sul do País, particularmente do Algarve e Alentejo, rapidamente se torna referência internacional. Publicada nesse mesmo ano, renova os estudos epigráficos portugueses através de um modelo de estudo das epígrafes onde se dá atenção especial ao papel do lapicida e do desenho das letras, ao material e tipo das epígrafes, ao comentário onomástico e histórico onde inclui uma proposta de datação para cada um dos textos.

Desenvolvendo um intenso trabalho académico e de investigação, no país e no estrangeiro, em 1991 é nomeado catedrático ao mesmo tempo que, sentindo um apelo pelos ares mediterrânicos e pelo berço algarvio, começa a colaborar amiúde com várias instituições e museus da região natal. Académico correspondente da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona e da Real Academia de La Historia de Madrid amplia os seus contactos e atividades internacionais, coordenando o inventário da epigrafia romana de Portugal e dos miliários da Lusitânia portuguesa do Corpus Inscriptionum Latinarum editado pela Academia de Ciências de Berlim. Em 2001 a Universidade de Poitiers, reconhecendo a excecionalidade do seu trabalho, atribui-lhe o doutoramento *Honoris*

Causa. Entre os muitos cargos e atividades que desempenha, como a de diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra ou como co-responsável pelas escavações da *villa* romana de Freiria (Cascais), vai ampliando as suas obras, quer científicas quer as destinadas à formação de estudantes ou de divulgação, como “Os Estudos sobre Epigrafia”, “As pedras que Falam” de 2006, ou um conjunto de pequenos livros e de artigos em jornais e revistas locais para dar a conhecer à população em geral, de forma próxima e afetiva, os seus antepassados romanos. Aposenta-se em 2007.

Apesar de aposentado, o seu labor não abranda, continuando o intenso trabalho em torno dos estudos epigráficos, da museologia e dos estudos do Património em geral. Desenvolve trabalho diário como administrador da Archport, da qual foi co-fundador, que é o maior fórum ibérico on-line para arqueólogos com projeção além Pirinéus. Continua a aconselhar e a responder aos que lhe solicitam ajuda para ler esta ou aquela inscrição. Pela sua mão, muitos estudantes ou ex-estudantes, de norte a sul do País, fazem estadas de investigação no estrangeiro. Mantém um prolixo trabalho de publicações, privilegiando muito a transferência para a comunidade do seu saber, contribuindo nesse sentido para a democratização dos estudos epigráficos. Exemplos recentes dessa atividade são os “Segredos da Beja Romana”, livro que recolhe um alargado conjunto de textos publicados no Diário do Alentejo que fazem eco da vida e da morte de quem ali viveu há 2000 anos; ou a revista Cultural de S. Brás de Alportel, SBA, de que foi cofundador e é o atual Diretor.

No prefácio ao livro intitulado “Roteiro Epigráfico Romano de Cascais” Jorge de Alarcão dá bem o mote que caracteriza esta e muitas outras publicações de José d’Encarnação escrevendo: “Combinando, como poucos, a erudição e a capacidade de comunicação com o grande público, produziu uma obra que o especialista lê com interesse e o não iniciado sem dificuldade nem enfado”. Usa a linguagem do afecto e da

memória numa espécie de “poética da pedra e da lembrança” como dizia José Jorge Letria, na apresentação desse mesmo livro, criando uma relação de proximidade com os Romanos que aqui viveram antes de nós, que tinham os mesmos sentimentos, os mesmos sonhos. Com efeito, por vezes é difícil não sentirmos afetividade pelas pessoas que estão por detrás desses textos que José d’Encarnação nos dá a conhecer, transmitindo sentimentos e vontades, emprestando voz aos que já não a têm como a de Comínia Avita, de Elvas, que pedia no seu epitáfio “Rogo-te, ó passante, diz: “Que a Terra te Seja Leve”. Para além de um nome numa pedra, José d’Encarnação vê gente, ambientes vividos e, fazendo uso da sua formação jornalística, apresenta-nos pessoas e imagens de um passado longínquo, tornando-as muito próximas. No catálogo da exposição da sala de epigrafia do museu de Faro, de que foi o Comissário, escreve assim: “Corria uma aragem; as torres da igreja do Carmo, altaneiras como sempre, a indicar-nos o caminho; (...) a muralha antiga da cidade era imponente do lado do mar. Lançávamos a fateixa à doca, lá ficava o barquito no poiso certo, mostrávamos o balde ao senhor guarda fiscal, já conhecido, “é pró almoço”! Imagino eu assim também a vida da ria em tempo de Romanos. Conheciam-lhe todos os recantos os ossonobenses; e o ritmo das marés; e as manhas dos ventos ...”.

É com este sentir a terra e com a capacidade de comunicar tendo como foco a dimensão humana, que vai transmitindo e cativando, criando e formando discípulos num espírito humanista, do Minho ao Algarve e mais além. A Universidade é isto! Tem que ser exigente e rigorosa, mas também humanista, coisa que por vezes parece andar esquecida!

José d’Encarnação, na relação próxima que mantém com os seus estudantes, é a dimensão humana que escolhe para colocar em primeiro lugar. Tal como fez a saudosa Teresa Gamito desde os primórdios desta casa.

Em cerimónia similar a esta, neste mesmo local, dizia José Mattoso há uns anos que acreditava que esta universidade reconhece “o fundamental papel dos explorados e dos vencidos na História da Humanidade”. Homenageava-se então António Borges Coelho, outro grande historiador! Com a atribuição do doutoramento *Honoris Causa* a José d’Encarnação esta universidade complementa aqueles reconhecimentos com um outro: o dos esquecidos pela lonjura dos tempos, o dos menos memorados pelos anais da nossa História, o de gente simples que deixou o nome inscrito numa pedra para não ser esquecido. Desta forma reforça-se hoje o papel da academia como um espaço de todos, que nem sempre o foi, um espaço de diálogo intercultural, de diálogo intergeracional e de inclusão. À semelhança das características de personalidades, que conjugam a obra científica com as qualidades humanas, escolhidas por esta Universidade para receberem as insígnias de doutor *Honoris Causa*, também as dimensões científica e humanista do agora homenageado reiteram o que José Mattoso já preconizava há 17 anos: a transformação destas cerimónias numa ação programática da Universidade do Algarve.

Por tudo o que foi dito e por muito mais que ficou por dizer, rogo, Magnífica Reitora, em nome da área do conhecimento que tanto ajudou e ainda ajuda a promover, que outorgue ao Doutor José d’Encarnação o grau de doutor *Honoris Causa* em Estudos do Património.